

Manifestações e democracia

Uma manifestação é normal em democracia. Deve-se acrescentar, para todos aqueles que falam pejorativamente das manifestações, revelando a meu ver falta de consciência política e cívica, elas são mesmo desejáveis. Um organismo que não se manifesta é um corpo gravemente doente. O facto de mostrar sintomas de mal estar é propiciador de resolução de problemas. Se o governo deve alterar políticas por força dessas manifestações, esse é um problema de cariz essencialmente político. Mas se alteram na sequência de sondagens, em que inclusivamente substituem ministros em conformidade, por que não serem sensíveis e seculares em relação a outras formas de exposição democrática, como as manifestações?

O toque a rebate dos neoliberais de serviço, o deus nos acuda que o poder está na rua, é mais uma prova de que estes senhores não passam de falsos democratas, julgando integrar uma meritocracia que intervém nos destinos da sociedade através das suas opiniões na imprensa. Negar os impulsos fortes do elemento social e apontar o dedo acusador a sindicatos e agitadores, é sintomático de um novo despotismo esclarecido característico da política desta primeira década do século XXI, apoiado nos grandes grupos económicos que monopolizam os media para assim manipular e manietar as populações mais facilmente.

Negar esta realidade é negar o evidente e não querer resolver as questões prementes do tempo presente, a saber, a necessidade de equacionar novas formas de intervenção do cidadão na vida política e cívica, e repor a justiça social e a liberdade de expressão no centro do debate. Sem desnecessárias comiserações nem paternalismos. Porque um facto é indesmentível: uma manifestação de protesto é sempre perturbadora e subversiva e ainda bem que assim é.

Paulo Frederico F. Gonçalves